



**SARA
SAMPAIO**

MATEMÁTICA
NAS PASSERELLES
pág. 20

INVESTIGAÇÃO

PACO BANDEIRA
E AS MULHERES
pág. 36

**GONÇALO
RIBEIRO TELLES**

**O CONSTRUTOR
DE PAISAGENS**

pág. 44



Gonçalo Ribeiro Telles

O homem que espreita **PELAS FRESTAS DA MATA E DO BOSQUE**

Homem do contra, sempre se bateu pelos espaços verdes – em Lisboa há mais de 600 com a sua assinatura. Gonçalo Ribeiro Telles faz hoje 90 anos e recorda ao *SOL* momentos marcantes da sua carreira, mas também alguns dos seus ódios de estimação

Textos de Rui Cabral Fotografias de João Francisco Vilhena

1979. Amalada a revolução de Abril, Francisco Sá Carneiro e Diogo Freitas do Amaral convidam o monárquico Gonçalo Ribeiro Telles a formarem a Aliança Democrática. Tomam o poder e, numa reunião estratégica da coligação, o professor Freitas do Amaral aponta o Partido Comunista como o principal inimigo, devido ao seu «**modelo de sociedade antidemocrático**»; o advogado Sá Carneiro discorda: o grande adversário é o Presidente Ramalho Eanes, porque tem «**um projecto pessoal**» de poder; por fim, o engenheiro agrónomo e arquitecto paisagista Ribeiro Telles abana a cabeça e sentencia: «**Não, não, o principal inimigo é o eucalipto**».

Mais de três décadas depois, Ribeiro Telles está absorto na leitura à mesa da Pastelaria Deguimbra, paredes-meias com a sua casa pombalina da Rua de S. José – «**escritório e sala de visitas**», ponto de encontro de sempre para amigos e correligionários. Alguém se

poderia interrogar: o que moverá um homem à beira dos 90 anos a estar ali tão concentrado perante uma fotocópia de um decreto-lei, devidamente sublinhado a caneta de feltro, pronto para a polémica? A resposta é simples: a sua eterna luta contra a eucaliptização. Nesse decreto, de 2008, defende-se a 'renaturalização da floresta' ardida e ele denuncia um «**duplo embuste**»: «**Em Portugal não existe floresta, foi a Floresta de Enganos de Gil Vicente que trouxe o forêt francês** – aqui há mata, aqui há bosque. A força da eucaliptização é tal que mudaram a designação de engenheiro sivicultor para engenheiro florestal. Um embuste. E 'renaturalizar'? Com eucaliptos? O que há a fazer é reconstruir a paisagem, fruto de gerações e gerações de trabalho, uma paisagem com os seus ►



GONÇALO Ribeiro Telles espreitando entre



os arbustos dos jardins da Fundação Calouste Gulbenkian, uma das suas obras mais emblemáticas



TALENTO: aguarela pintada pelo paisagista representando uma ermida na Arrábida

componentes estéticos e formais, a agricultura e a silvo-pastorícia».

Na histórica reunião de há 33 anos com Freitas do Amaral e Sá Carneiro, o arquiteto paisagista lembrava que as «campanhas para a plantação do eucalipto do Estado Novo foram a morte das aldeias».

E hoje, quando vê gente do país inteiro a descer a Avenida da Liberdade em protesto contra a anunciada redução de freguesias e a consequente concentração do poder municipal, aplaude-os: «Os municípios acabariam com as aldeias, com os pomares, com as hortas. Por essas e por outras é que importamos cada vez mais fruta de Espanha. Os aldeãos ficam lá para quê? Para ver crescer o pau do eucalipto?».

Aos 74 anos subiu ao alto do Parque Eduardo VII e plantou de estaca o jardim do seu corredor verde de Lisboa, o belo Jardim que o povo baptizou de Amália, travando de um golpe os ímpetus urbanísticos dirigidos à porventura mais apetecida colina de Lisboa.

Gonçalo Pereira Ribeiro Telles nasceu a 25 de Maio de 1922 na lisboeta Avenida da Liberdade, mas logo se mudou para as traseiras, para a Rua de S. José, que era então uma aldeia dentro da cidade. Em menino espreitou as vacarias da Rua do Telhal e as pequenas

hortas por detrás do casario, cruzou-se à porta de casa com as carroças de hortaliças oriundas da região saloia e observou-as no regresso às terras da Malveira, subindo à cumeada da Igreja de S. Sebastião. «Nesse tempo, a Estrada de Benfica começava à minha porta».

Viu bem como a cidade e o campo se podiam ligar sem cisões. A urbe entrava na natureza, a natureza entrava na urbe, as casas teriam hortas, os jardins espelhariam a paisagem portuguesa. E como os sucessivos poderes, que acompanhou a par e passo, tendiam a esquecer este seu óbvio entendimento, moveu-lhes uma luta sem quartel. Uma luta elegante, culta, transparente, mas corajosa e inquebrantável.

As cheias de 25 de Novembro de 1967 mataram meio milhar de habitantes de bairros de lata e clandestinos dos subúrbios de Lisboa e a censura cortou a oito na imprensa,

mas Ribeiro Telles veio a terreiro com voz firme denunciando que não se podia ignorar «a degradação física e biológica da região, por motivos que são de inteira responsabilidade do Homem» e que devia «evitar-se o prosseguimento de urba-

nizações e construções em local impróprio». Destemido, surgiu nos noticiários da noite da RTP a explicar por que tudo aconteceu: a falta de ordenamento do território, a ocupação de leitos de cheia, a impermeabilização de cabeceiras de bacias hidrográficas e a construção em encostas instáveis pela população mais pobre, que era empurrada para essas situações.

Diz a arquitecta Helena Roseta: «Os factos sempre comprovaram as

suas teorias e hipóteses, lançadas muito antes de todos os outros, quando a ecologia não estava na moda e quase ninguém falava como ele falava. O dom profético está-lhe na massa do sangue. Anda sempre uma ou duas gerações adiantado. A capacidade de indignação e o profundo humanismo que sempre o nortearam estão intactos».

Nos anos 50 quiseram rasgar uma via rápida da Torre de Belém ao alto do Restelo e ele impôs em seu lugar uma encosta verdejante até à ermida de S. Jerónimo, de onde se observa a entrada dos barcos na barra do Tejo. Como técnico municipal, projectou centenas de jardins e impôs zonas verdes onde o facilitismo e a ganância teriam preferido a exclusividade do betão.

A luta pelo Corredor Verde

«O Gonçalo sempre foi 'do contra', monárquico, quase sempre irreverente em relação ao poder, fosse ele qual fosse», disse-nos, pouco antes da sua morte (na madrugada de 12 de Maio), António Viana Barreto, co-autor do Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian.

Monárquico, mas sem 'sangue azul', assegura Ribeiro Telles. E justifica: «Conheci o mundo em determinada altura e fiz um raciocínio de evolução política. Observei as monarquias de Inglaterra, Noruega, Suécia, Bélgica, Holanda, Espanha, que não querem correr riscos e sujeitar-se a um qualquer poder episódico de determinada personagem. Preferem a segurança e a continuidade, que é uma das linhas mais importantes da vida humana e mesmo animal. Continuidade do que é bom e necessário. É mais simples do que parece. O primeiro-ministro está mais livre nas monarquias, o Presidente é uma espécie de jugo».

Sob a bandeira monárquica – e à sombra dela, por tantas vezes não ser

Após as cheias de 1967, denunciou «a degradação física e biológica» dos subúrbios de Lisboa

LISBOA E CORUCHE: AS DUAS CASAS DO ARQUITECTO

Gonçalo Ribeiro Telles vive em Lisboa numa casa que lhe vem de família e, embora haja criado centenas de jardins, tem nas traseiras apenas um pátio exíguo, um alegrete. E na residência de Coruche, onde desde sempre passa as férias e a maioria dos fins-de-semana, também só existe um pátio, com três árvores. Os seus jardins estão por todo o lado, para quê em casa?

Ele escreveu no seu livro *Utopia e os Pés na Terra*: «Procuro respeitar a individualidade das duas casas em que vivo, apesar de as considerar uma só. Constituem ambas o refúgio da minha intimidade e o castelo onde se guardam e fazem viver as recordações que nos são caras e pertencem à continuidade cultural e biológica da família. Ambos os sítios das minhas casas, ou melhor da minha casa, estão irmanados pela proporção dos edifícios que os compõem, pela escala das ruas que os atravessam e, o que é fundamental, pelo calor da convivência humana, nascida das raízes comuns e da vizinhança. Valor este que tanto caracteriza os pequenos aglomerados provincianos e os bairros antigos de Lisboa e que esperamos continue a ser o alicerce e a segurança das comunidades urbanas».



NO BAIRRO DAS ESTACAS, em Alvalade, a relva surge como um prolongamento da habitação

levada muito a sério – foi participando em campanhas eleitorais sem grandes problemas e, sobretudo, conseguindo dizer as suas verdades. Conspirou na 'Revolta da Sé' de 11 de Março de 1959, concorreu às eleições pré-democráticas de 1969 nas listas da CEUD de Mário Soares e, com o 25 de Abril, foi, sucessivamente, subsecretário, secretário de Estado do Ambiente e ministro de Estado e da Qualidade de Vida. A sua acção governativa produziu a Reserva Agrícola Nacional, a Reserva Ecológica Nacional, o controlo da exploração de pedreiras e saibreiras, as Áreas Protegidas, os Planos Directores Municipais e os Planos Regionais de Ordenamento do Território. O país nunca mais seria o mesmo.

A investida política de travo mais doce terá sido a de 1985, quando acei-

tou cavalgar a onda do Movimento Alfacinha, subscrito pelas mais díspares personalidades com o intuito de cravar uma farpa bem fundo no poder instituído na Câmara Municipal de Lisboa, onde Nuno Krus Abecasis se eternizava numa maioria absoluta CDS-PSD, com a oposição afável do PS.

Gente dos mais diversos quadrantes candidatava-se na lista encabeçada por Ribeiro Telles: de Miguel Esteves Cardoso a Jorge Palma, de Henrique Barrilero Ruas a Lena d'Água e Pedro Ayres de Magalhães. Entre dezenas de apoiantes, António e João Lobo Antunes, Eduardo Prado Coelho, João Bénard da Costa, José Gil e Sophia de Mello Breyner Andresen.

Para pânico do poder instituído, Gonçalo Ribeiro Telles ganhou *in extremis* um lugar de vereador, por apenas alguns votos, derrubando o absolutismo de Abecasis nos Paços do Concelho da capital. Nessa noite, abriram-se muitas garrafas de espumante nos bares ▶

«O dom profético está-lhe no sangue. Anda uma ou duas gerações adiantado», diz Helena Roseta

DESENHO preparatório para o Jardim do Cabeço das Rolas, no Parque das Nações





ALIANÇA DEMOCRÁTICA: Ribeiro Telles (em primeiro plano) com Sá Carneiro e Freitas do Amaral

do Bairro Alto. Fora uma vitória e tanto.

Ribeiro Telles considerava-se amigo de Abecasis, mas tinha outros propósitos, nomeadamente para o alto do Parque Eduardo VII. Nascera na Avenida da Liberdade, espreitara em miúdo pelos tapumes da construção da estátua ao Marquês de Pombal, foliara por lá a céu aberto pelo Carnaval, andara de barco no tanque contíguo à Rotunda. Nos anos 40 viu Keil do Amaral desenhar o actual Parque, plantando aqueles buxos que demarcariam uma futura estrada até ao alto da alameda. Um dia, ainda antes do 25 de Abril, escreveu um artigo num jornal dizendo que, se essa estrada fosse feita e continuada, só pararia em A-dos-Cágados, lá para as bandas de Mafra. O poder franziu o sobrolho e deixou estar a obra como estava, com os buxos a preconizar um futuro asfaltado.

Já depois da Revolução, quando Abecasis anunciou a construção, no alto do Parque, de um hotel de luxo, um palácio de congressos e – nem mais nem menos – uma catedral, Ribeiro Telles protestou em voz alta e logo um coro se lhe juntou. Daí as garrafas de espumante na madrugada em que foi eleito vereador.

O seu projecto mais emblemático para Lisboa, o Corredor Verde de Monsanto, unindo o Parque Eduardo VII ao 'pulmão da cidade',

iria progressivamente sair do papel nos anos seguintes, ao longo do seu mandato como deputado nas listas do PS (a Lei de Bases do Ambiente foi então criada) e da direcção de um gabinete técnico a convite de João Soares.

O Jardim da Amália (1996), no Alto do Parque, com o seu lago e montes verdes em vários níveis, de cuja cumeada, balizada por um renque de pinheiros mansos vindos de Benavente, se vê o Tejo lá em baixo, deslumbra e antevê, do lado contrário, o Corredor Verde que daí prossegue pelos relvados do Palácio da Justiça, parque Ventura Terra, 'Jardins dos Jogos', 'Jardins de Campolide' e, já em Monsanto, a Quinta José Pinto.

O toque de humor no jardim da Amália surge no lago, ou melhor, nas duas colunas de alumínio que Ribeiro Telles desenhou a pretexto de serem respiradouros. Num olhar atento, percebe-se que está a contrapô-las com as colunas de Keil do Amaral que encimam o Parque Eduardo VII em jeito de estandartes do III Reich...

Esse é um exemplo do seu humor, mas a verdadeira ironia do destino está em que foi devido a uma atitude de Keil do Amaral que Ribeiro Telles se tornou arquitecto paisagista.

Mesmo antes do início da II Guerra, Keil do Amaral, o grande arquitecto da altura, foi convidado a receber uma bolsa para estudar na Alemanha uma disciplina em expansão na Europa: a Arquitectura Paisagista. Mas quando lá chegou compreendeu que não era tema do seu agrado, porventura devido ao pouco entendimento de botânica. E foi assim que em seu lugar avançou Francisco Caldeira Cabral, o mestre dos primeiros paisagistas oriundos do Instituto Superior de Agronomia. Ribeiro Telles foi o segundo a diplomar-se sob a sua orientação, em 1950, e iria várias vezes à Alemanha do pós-guerra e à famosa escola de Berlim.

Como ele gosta de contar, só lá encontrou arquitectos paisagistas no feminino, porque os homens tinham todos

morrido na guerra. Os ingleses porque iam nos aviões de combate para identificarem as paisagens e os alemães porque realizavam a mesma missão nos carros de assalto.

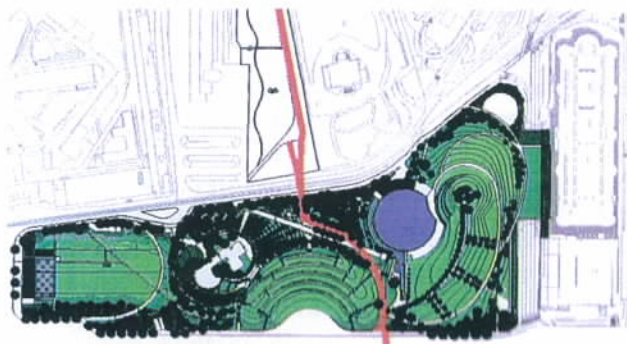
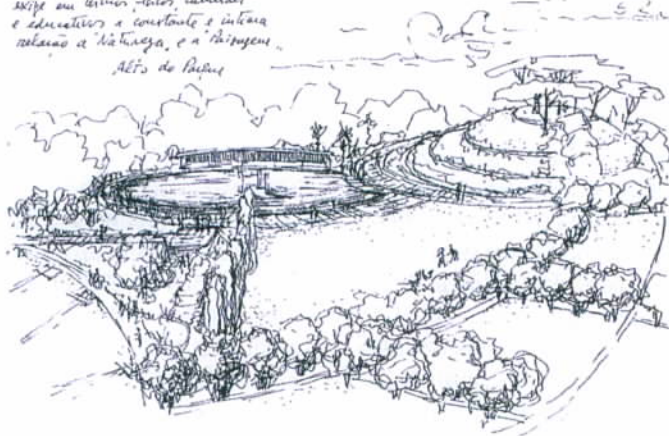
Escreveu Fernando Santos Pessoa, discípulo de Gonçalo Ribeiro Telles: «A Arquitectura

Na Alemanha, só encontrou arquitectas paisagistas porque os homens tinham todos morrido na guerra

Paisagista surgiu sem ruído, encara da de início por todos os sectores que dela se aperceberam apenas como uma jardinagem mais evoluída, destinada a não ultrapassar os limites dos parques e jardins; porém, a construção de paisagens era uma profissão quase tão antiga como o aparecimento do homem sedentarizado [...]. E a partir do final da II Guerra Mundial tornou-se uma actividade fundamental para a recuperação das paisagens e para a intervenção na reorganização dos territórios um pouco em todos os continen-

Quando Abecasis anunciou a construção de um hotel no alto do Parque Eduardo VII Ribeiro Telles protestou

A sociedade urbana de Lisboa
exige em termos físicos, culturais
e educativos a constante e intensa
relação a Natureza, e a Paisagem.
Alto do Parque



O PROJECTO para o
Jardim Amália, no Alto do
Parque Eduardo VII

tes, empregando métodos de engenharia holística e o 'desenho com a Natureza'».

Ribeiro Telles iniciava em 1951 uma intensa actividade paisagista, sendo surpreendente a leitura do rol completo da sua vasta intervenção em Lisboa – a sua mão está por quase todo o lado. Logo naquele ano abraça uma obra de fôlego num bairro feito de raiz: Alvalade, onde as traseiras dos prédios possuem invariavelmente pequenos talhões destinados a hortas ou jardins de cada família.

Na Avenida dos EUA e no bairro das Estacas, onde surgiram os primeiros prédios suspensos sobre pilotis-estacas, a relva surgiu como um natural prolongamento da habitação, passando mesmo por baixo dela, e a Avenida de ►

A sua mão está por todo o lado. Em Alvalade fez pequenos talhões destinados a hortas para cada família





Roma recebeu caminhos, lagedos e pequenos recintos agradáveis de estadia pedonal.

Em breve a acção de Gonçalo Ribeiro Telles seria alargada a outros contextos, a intervenções na cidade antiga e mais consolidada, como o castelo de S. Jorge. No ordenamento paisagístico da encosta do Restelo, consegue inviabilizar uma via rápida da Torre de Belém até ao alto, onde se situa a ermida de S. Jerónimo, e projecta a implantação de maciços de vegetação tradicional para que a capela surja desafogadamente voltada para o rio.

A Ilha dos Amores

Em 1969 nasceria, com a construção da sede e museu da Fundação Calouste Gulbenkian, porventura o seu jardim mais emblemático. E, num destes dias quentes de Maio, uma visita guiada ao jardim transformou-se numa viagem à poética do ter-

ritório português. Começando a narrativa à sombra de um ulmeiro fronteiriço ao edifício principal, Gonçalo Ribeiro Telles afirma ter-se inspirado na 'Ilha dos Amores' de Os Lusíadas, «que mais não é do que a paisagem ibero-mediterrânica da infância de Camões transposta para uma ilha do Índico, cenário que seria também de seus amores na confluência do Zêzere com o Tejo, por alturas da vila de Constância».

À medida que se interna no jardim, discorre como quem viaja pelo território nacional, conduz o olhar para «as orlas, as superfícies de contacto, a orla escura que se prolonga por ali fora, o contacto da mata com o prado como o poeta descreveu na Ilha dos Amores».

Caminha pelas largas lajes de betão penteado, cruza-se com gente de todas as gerações a polvilhar o jardim em passeio ou repouso de silêncio, e nota como «as pessoas têm tendência para viver no prado e a refugiar-se na sombra», aludindo sempre em simultâneo ao jardim e ao país.

Senta-se num banco recatado, ao som do riacho passante: «O jardim repete a nossa paisagem, e não foi Ca-

mões quem disse que Portugal é um jardim à beira-mar plantado? Absolutamente certo!».

«Isto é a essência dos nossos jardins... À escala do território nacional, há a paisagem de planalto, a serra e a várzea. Quando o declive se acentua, surgem os terraços, como os terraços de basalto em Lisboa, ou os socalcos de granito, típicos do rio Douro.

Os socalcos humanizam as serranias, os terraços dão boas terras para a cultura. A agricultura domina as várzeas e as veigas os vales. Esta é a nossa paisagem e o resto são cantigas».

A silhueta de Gonçalo Ribeiro Telles sugere o caminhante de longo curso, anda sempre com a mesma cadência, caminha e

vai desfiando as contas da natureza que o homem compõe.

«Em termos de expressão estética», explica, «este jardim representa um jogo de claro e escuro. Está a ver aquele verde gramíneo e aquela fresta? São frestas, nós não precisamos de janelas como os franceses e alemães nas paisagens e jardins, porque temos planícies, colinas e serras, e não as vamos deitar abaixo para fazer os eixos de profundidade como

À sombra de um ulmeiro, Ribeiro Telles afirma ter-se inspirado na Ilha dos Amores para o jardim da Gulbenkian



«Porque que é que os romanos vieram para cá e não para o Norte da Europa? Queriam a luz do Sul!»

tem Versalhes, onde são obrigados a criar composição para arranjar pontos de fuga na paisagem».

E aponta: «Por esta fresta se vê o prado e depois vem a água. Em Versalhes a água está muito longe, por isso têm de fazer jogos de água, os repuxos. Cá é tudo tão simples: do regato para o ribeiro, do ribeiro para o rio, do rio para o oceano. Uma continuidade que se sente até ao oceano. É mesmo um jardim à beira-mar plantado. Os franceses fazem os desenhos que fazem porque não têm a nossa luz. Não faz sentido fazermos jardins sem este jogo de luz. Em França e na Alemanha as portadas das casas são pintadas de vermelho ou de outra cor viva, com um losango branco, para dar a ideia da cor que não têm na paisagem. E têm de arran-

jar grandes profundidades. A nós basta-nos ter uma fresta, uma abertura para a luz. Porque é que os romanos vieram para cá e não para o Norte da Europa? Porque queriam a luz do Sul, criar cultura, gente».

Abre-se uma clareira nas traseiras do edifício principal, onde a alvura de videiros plantados geometricamente demarcam um magnífico roseiral. Gonçalo Ribeiro Telles remata a viagem guiada à ilha dos Amores: «O amor à Natureza é um embuste. O homem é que faz a Natureza. Foi expulso do Paraíso para isso mesmo!».

No exterior do jardim brilha um automóvel sob o sol intenso: «Veja, o li-

mite desta fresta é o automóvel a brilhar lá ao fundo!».

Gonçalo Ribeiro Telles e os automóveis... O mestre anda com a postura de um caminhante de fundo. Na sua vida quotidiana

passeia num ritmo constante pelos jardins e avenidas. Utiliza os transportes públicos, vai de metro para todo o lado e, nunca, mas nunca, conduz um automóvel.

Não há reunião de família ou de amigos em que alguém deixe de contar a velha história da aula de condução. De como ele,

em plena lição, guinou subitamente por uma rua de sentido proibido, e o examinador, petrificado de ira e susto, lhe gritou: «Então o senhor não viu o raio do sinal?!». Ao que o desastrado condutor retorquiu: «O que eu vi foi uma buganvília magnífica!». ●

Em plena aula de condução, guinou para uma rua de sentido proibido. «Vi uma buganvília magnífica»



Piscina de Ondas, Casa Kidz e Ateliers Gratuitos, Parque Infantil, Ginásio, Arborismo, Ténis, Padel, Pista de BTT, Percurso de Manutenção, Matraquilhos Humanos, Tiro com Arco, Campo Polidesportivo, SPA, Restaurante e Supermercado.



Reserve as suas Férias de Verão até ao dia 31 de Maio a Preços Especiais. Campismo desde 5€ por noite por pessoa!

Mais Informações em www.zmar.eu

Co-financiamento



Sudoeste Alentejano • Odemira • Tel.: (+351) 707 200 626 • info@zmar.eu

Zmar

eco campo resort & spa